

PIBID: o esgotamento físico e/ou mental dos Professores em tempos de pandemia do Covid-19.

RODRIGO NOGUEIRA FERNANDES¹; PEDRO DE ARAÚJO GUTERRES²;
REGIANA BLANK WILLE³

¹Universidade Federal de Pelotas – rodrigonogueiralicenciatura@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pedroguterres30@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – regianawille@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O alarme do telefone toca, sinalizando mais um dia cheio de novidades e desafios pela frente. Na parte da manhã, levantar, escovar os dentes, e, logo após, ligar o computador, porque certamente vai demorar para carregar o sistema operacional. Tomar café, dar uma organizada na casa e surpresa: dentro de 15 minutos, estarei online dando aula - claro, se a internet ajudar, se o computador não travar, se o microfone funcionar, etc. Inicia-se a aula:

Professor(a) - Bom dia turma, tudo bem? Por gentileza, poderiam abrir as câmeras para eu poder enxergar vocês e nos comunicarmos melhor?

Aluno(a) - Não dá, professor, sobrecarrega a plataforma e trava a aula.

Professor(a) - Ok, certo. Vamos em frente. Realizaram a atividade da aula anterior?

Alunos(as) – Não deu, “prof.”, faltou energia, internet aqui e não consegui fazer.

Professor(a) – Certo, vamos estender o prazo até a próxima aula.

Seguimos e vamos à aula que tem duração de, no máximo, uma hora, tendo em vista que a plataforma não tem como dar conta de mais tempo. No decorrer da reunião, é possível notar alguns empecilhos: algumas instabilidades de sistema, cortes na voz, um aluno ou outro que não pôde estar no encontro por falta de internet, energia ou afins... A ida ao banheiro precisa ser rápida, seguida de um gole de água e, sem nem perceber, o encontro síncrono acaba em 10 minutos. Então a atividade que eu iria desenvolver fica para mais adiante.

Terminada a reunião, ainda há mais uma atividade a ser elaborada e aquela outra que ficou para trás também. Está quase na hora de preparar o almoço, mas antes vamos acessar rapidamente o grupo do Facebook para ver como andam as atividades devolutivas. Certo, dois ou três alunos responderam. Tudo bem, afinal ainda temos tempo. Bem, vamos tentar contato com os pais, vamos procurar o perfil do pai/da mãe do(a) aluno(a) e tentar contato: “Srs. pais ou responsáveis, o(a) seu(sua) filho(a) não realizou a atividade da aula anterior. Temos um prazo estipulado para corrigi-la e peço encarecidamente que o(a) ajudem a realizar tal tarefa, pois é extremamente importante que ele(a) realize as atividades neste ano atípico.”

Na parte da tarde, resta lavar a louça do almoço, escovar os dentes e ministrar outra aula. A situação não se modifica e os problemas são os mesmos enfrentados na aula da manhã. Outra reunião, outra atividade e agora já são, no total, três atividades para elaborar. Mais uma reunião para encerrar a tarde. À tardinha (já que não deu pra tomar café da tarde), é hora de tomar um rápido café, pois logo vamos elaborar as três atividades do dia, preparar a próxima aula e desenvolver algum conteúdo para apresentar como material complementar para a

turma, afinal, temos as aulas assíncronas. E o resto do tempo que sobra à noite é usado para realizar mais trabalhos relacionados à docência. E, no dia seguinte, tudo se repete.

Este relato, tem como objetivo proporcionar um panorama da jornada de trabalho que os professores vêm enfrentando com as aulas remotas neste período de pandemia. Não é novidade que tenham trabalhado muito mais do que as vinte ou quarenta horas semanais que deveriam. Com essa rotina extremamente exaustiva de desenvolver aulas, organizar reuniões, acompanhar grupos de Facebook e WhatsApp a fim de conferir o retorno das atividades devolutivas, é praticamente impossível que, em algum momento da sua vida profissional, os professores não atinjam um esgotamento físico e/ou mental.

Para Jean Segata (2020), se por um lado o trabalho remoto educacional remete à saúde e cuidado, evitando a exposição ao coronavírus, por outro lado ele adoece, devido à expansão e complexificação do apelo utilitarista baseado na otimização do tempo dentro de casa. Parte desse adoecimento se dá pela sobrecarga do professor, pelo fato de ter que lidar com novas tecnologias e com um novo formato de lecionar - visto que a docência já é uma das profissões mais estressantes devido à precarização das condições de trabalho, desvalorização e acúmulo de tarefas (GUIMARÃES, 2021). Ainda de acordo com Guimarães (2021, p. 8), “[...] esse estresse pode facilitar o agravamento ou desencadear diversas doenças como: obesidade, hipertensão, dores musculares, depressão, ansiedade, dificuldades de concentração, insônia, entre outras.”

2. METODOLOGIA

A metodologia que utilizamos foi um relato de experiência a partir do PIBID.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir desta experiência vivenciada no formato remoto, através das reuniões semanais com os grupos das escolas (corpo docente e supervisores) e pibidianos, podemos entender que parte da atividade que compõe o trabalho docente é, de certa forma afetada em diversos pontos, quando nos referimos ao esgotamento físico e/ou mental, que acaba prejudicando o trabalho do Professor.

Uma problemática desse transtorno é a falta de criatividade, no qual o docente esgotado não consegue inspiração/imaginação para a criação de um método, conteúdo, aula, etc... de ensino que lhe satisfaça. Nota que, quando digo lhe satisfaça, não o falo de modo que o conteúdo não seja satisfatório, o próprio docente julga que aquele conteúdo não alcançou um patamar no qual ele está acostumado a desenvolver e trabalhar.

4. CONCLUSÕES

Sob o ponto de vista apresentado, pode-se afirmar que, por mais que o modelo vigente de ensino-aprendizagem seja eficaz no combate ao coronavírus - tendo em vista que promove o distanciamento social, também é possível apontar falhas pertinentes no tocante à saúde mental do corpo docente. Uma solução viável para os professores seria um encontro síncrono periódico para trocar experiências

e métodos de dar aula, bem como interagir e socializar de modo informal com o intuito de amenizar os impactos na saúde mental dessa rotina tão estressante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Fernanda Pacheco Viana. **A PANDEMIA (COVID-19): CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE MENTAL DOS PROFESSORES**. Disponível em: [mon_especialização_Fernanda_Pacheco.pdf \(ifgoiano.edu.br\)](#). Acesso em 09/08/2021

SEGATA, Jean. A colonização digital do isolamento. **A COLONIZAÇÃO DIGITAL DO ISOLAMENTO**. Disponível em: [Vista do A colonização digital do isolamento \(usp.br\)](#). Acesso em 09/08/2021.